

Veja

3/12/1980

Televisão

Tática natural

Bandeirantes busca saída descentralizadora

Se o inimigo é muito forte, uma boa maneira de enfrentá-lo será levar o combate para terreno mais favorável. Assim pensou o cineasta Maurice Capovilla, quando foi convidado pela Rede Bandeirantes de Televisão, no começo de 1980, a idealizar uma parte da programação da emissora para o ano. O terrível inimigo, naturalmente, é a Rede Globo, líder quase imbatível de audiência em todo o país. "Na maioria de sua programação, ela mostra um Brasil elegante, artificial", diz Capovilla. "O Brasil de verdade está pedindo uma TV mais profunda e mais ágil."

Para encontrar essa profundidade, Capovilla concebeu a série "Brasil Especial", um conjunto de programas ambientados em diferentes regiões do país, sempre baseados em situações e personagens típicos do lugar. Quanto à agilidade, ficou por conta do tipo de produção adotada: ausência quase completa de cenários construídos, com aproveitamento máximo dos ambientes naturais onde vivem e trabalham os personagens.

LOCAIS INESPERADOS — Nesta segunda-feira, a rede levará ao ar o terceiro especial da série "A Mulher Diaba", escrito pelo teatrólogo paulista Jorge Andrade, e começará a rodar o quarto, "O Princípio e o Fim", também de outro consagrado autor regional, Josué Guimarães, em Caxias do Sul. Ao buscar nomes de peso e autores das regiões que pretende descrever, a Bandeirantes procura dar o toque mais autêntico possível a essa visão local. Em Salvador, na semana passada, a emissora abriu nova frente nessa estratégia de combate longe dos estúdios, com as primeiras tomadas de "Rosa Baiana", próxima novela das 20 horas, a ser inteiramente produzida em locações naturais. A equipe técnica e o elenco central, vindos de São Paulo, irão se deslocar por toda a Bahia chegando até o Amazonas, mas o elenco secundário será formado por atores locais, numa prática inédita em novelas. "Vamos gravar em locais absolutamente inesperados para uma novela", garante seu versátil diretor David José, ex-integrante do Teatro de Arena e ex-professor da Unicamp: "Cenas ambientadas num bordel, por exemplo, serão feitas num bordel de verdade, com as prostitutas servindo de figurantes". Quando Capovilla lançou a proposta da descentralização, com o "Brasil Especial", a idéia era fazer praticamente um "especial" para cada Estado, até o fim de 1980 — algo como os primeiros programas da série "Globo Repórter" da TV Globo, produzidos entre 1973 e 1978, muitos dos quais dirigidos por ele mesmo. A Bandeirantes aprovou o projeto, mas limitou o número de programas a quatro — para ver se a estratégia funcionava. Funcionou, tanto que para 1981 já começou a programar uma série de doze novos programas, com uma verba da produção dobrada — 2,5 a 3 milhões de cruzeiros por "especial".

"Mesmo fazendo apenas quatro programas em 1980, mantivemos os pontos essenciais", conta Capovilla. Pontos cujo objetivo, para ele, é "mostrar no vídeo um país de falas e gestos diferenciados, que veste, pensa e reage de maneiras diferentes". Essa variedade valorizou os dois primeiros programas, "O Boi Misterioso e o Vaqueiro Menino", baseado em uma história de cordel de Pernambuco, e "Crônica à Beira do Rio", que Paulo Mendes Campos adaptou de crônicas de Rubem Braga sobre "o mar, a mulher e a noite", do Rio.

"O Brasil ainda é um continente inexplorado e por conquistar pela TV", diz Capovilla. "Para dar essa visão mais ampla do país, é só percorrer o Brasil e em cada Estado se encontrará o romancista, o poeta, o especialista em sua terra, que dispõe de um mundo novo, intacto,

estranho ao olhar dos consumidores de TV. O interior é o melhor assunto e, para revelar o interior ao Brasil, nossos grandes escritores são intermediários de primeira ordem."

LINGUAGEM PODEROSA — O mais surpreendente até agora, sem dúvida, é "Mulher Diaba": os personagens são cortadores de cana (Eduardo Abas e Adilson Barros) "bóias-frias" de Barra Bonita, no centro-oeste de São Paulo, que se envolvem numa curiosa disputa pela mulher do título (Tânia Regina)— o que cortar mais cana a terá como prêmio.

Jorge Andrade — autor, entre outras peças, de "Vereda da Salvação", "A Moratória" e das novelas "Ossos do Barão" e "O Grito" — já tinha abordado a vida dos cortadores de cana numa reportagem para a revista Realidade, em 1970: "Na época, fiquei conhecendo bastante o assunto em dois aspectos, o homem e o canavial". Durante os dez dias que passou pesquisando em Barra Bonita, Andrade descobriu um terceiro aspecto — a máquina. "Nos últimos dez anos, houve um grande desenvolvimento na industrialização da cana e procurei mostrar como, diante dela, o homem desaparece". O bom resultado anima Josué Guimarães, que assistiu ao teipe e ajudou a escolher locais de filmagem para seu "O Princípio e o Fim": "Jorge Andrade tem uma linguagem de impostação poderosa, bem diferente da minha, que é bastante coloquial. Acho ótima essa variedade".

(Páginas 103 e 104)